

Crise?... que crise?

No ano de 1975 deixava eu para trás e a meio, uma licenciatura em Arquitectura iniciada na antiga Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Deixava também uma instituição de portas fechadas e a necessidade de rumar ao largo, para reiniciar o curso do princípio, foi ditada pela expulsão imposta numa reunião geral de alunos, a sete dos seus próprios colegas.

Sem o saber, estava só a deixar para trás uma casa que também iria adoptar as benesses das «passagens administrativas» generalizadas e universais. Não posso deixar de reconhecer hoje, a grande ironia que é o facto de passados 20 anos sobre aquela data, alguns moços terem tentado cavalgar a mesma onda como independentes e não terem auferido de igual beneplácito. Ao que parece, aqueles que no *PREC* se licenciaram nas RGAs, afinal não apreciam lá muito os retardatários; como de resto ficou demonstrado bem recentemente.

Mas ao que venho com este cirandar pela memória? – Por algo de muito mais importante para mim. É que nesse mesmo ano de 1975, era editado um álbum novo de uma das minhas bandas de culto e que, justamente, dá o título ao texto. Tomei aqui de empréstimo, com a devida vénia e em jeito de homenagem pessoal a "*Crisis? What crisis?*" dos *Supertramp*, o mote para este escrito.

As capas dos *vinílicos* LPs foram, até à sua extinção, um dos mais fascinantes veículos daquilo que melhor se produziu numa certa área das artes plásticas em geral, e das artes gráficas em particular. Verdadeiras obras-primas do desenho, da pintura e da fotografia (cujo levantamento sistemático, análise crítica e historiografia, estarão ainda por fazer), foram assim publicadas e amplamente disseminadas, sendo-lhes reconhecido hoje o quase e merecido estatuto de "*objectos artísticos*". Na capa do referido LP estava jocosamente estampada a síntese da opinião, que então já sedimentava, sobre as maravilhas e virtudes da civilização urbana ocidental.

Em 1975 estávamos então com apenas trinta anos decorridos sobre o início da grande reconstrução da Europa, à boleia do providencial e americaníssimo *Plano Marshall*, e do *baby boom* de ambos os lados do Atlântico, outra evidente sequela da Guerra. Trinta anos de ouro e de fartura, que deram trabalho e fama aos projectistas, e lucros astronómicos ao investimento público e privado. É que a promoção pública também tirou, e continua a tirar daí, proventos muito significativos; se não à cabeça como os particulares, obtém-nos no decurso do tempo com as taxas e impostos derramados, sempre em crescendo, sobre o "urbano".

O que talvez nem todos tenham presente é que o Portugal do Estado Novo também se valeu das verbas desse maná, mesmo sem os riscos nem as misérias da devastação e da hecatombe. Ao menos nisso, não temos que invejar os espanhóis, que por essa altura palmilhavam em sapatos de sola de pneu. Mesmo assim, não conheci um único deles que quisesse ser português. É isto que muito admiro neles porque hoje, invertida a situação, só vejo «*iberistas*» deste lado da fronteira.

Mais competentes que nós no garimpar daquele filão foram os suíços, talvez por se terem arvorado em guardiães do ouro roubado aos judeus pelos nazis, enquanto que nós apenas deixámos que alguns deles se escapassem deste jardim para as Américas.

Foi um período em que tudo era tido como possível e autorizado como exequível. Uma época de tão delirante quanto assumida depredação e desperdício

dos recursos – de todos os recursos – onde se funda o actual bem estar do ocidente e que, diluída a medula, hesita agora entre as obesidades e as anorexias dos princípios civilizacionais.

A depredação começou pelo solo. Não esqueçamos que o melhor negócio da Terra continua a ser a terra, e que todas as guerras começam precisamente por aí. A religião e a economia são meros condimentos para o desastre. Talvez que este novo século nos traga já as próximas batalhas amarradas (hoje dir-se-á *linkadas*), não só à “terra”, mas também à “água” e ao “ar”; e então teremos os quatro elementos reunidos finalmente na sua unidade primeva.

Tudo isto que venho tecendo, é apenas para me habilitar ao assunto grave que viso: a *teoria da arquitectura*.

— Parafrazeando os meus ídolos da juventude, - “*Teoria? que teoria?*”

Teoria da Arquitectura? — que teoria e de que arquitectura se trata?

Se houve um século da teoria (e da prática), foi esse que passou. E se o valor das teorias se mede pelo grau de confirmação, pelos resultados obtidos e respectivas consequências, então pela primeira vez na história milenar do velho mundo, o arquitecto é arguido de co-responsabilidade em desastres arquitectónicos e urbanísticos a uma escala sem precedentes.

A pergunta a fazer desde já é: — qual a natureza e a verdadeira dimensão da sua culpabilidade nas autênticas malfeitorias praticadas à sombra da arte que era suposto cultivar e defender? Para se obter uma resposta à questão, terá de se analisar se os arquitectos tiveram consciência de se estar a caminhar para um beco sem saída. Sem saída não será, mas os custos de se ter agora de «abrir caminho à força» são, igualmente, colossais.

É minha convicção de que houve realmente, de início, a premonição e depois, a consciência da insustentabilidade do rumo e da inevitabilidade do colapso. Não sendo um exercício de popularidade, arriscaria a convidar os nossos alunos a reler alguns textos desse caturra que foi Raul Lino e, depois, a visitar o legado à posteridade de alguns dos insignes arquitectos que nos idos de 1970 subscreveram abaixo-assinados contra uma exposição retrospectiva da obra de um colega em fim de vida. Alguns deles são mesmo doutores *honoris causa* pela FAUTL.

De resto, a memória dos arquitectos só tem equivalente na dos políticos e na de alguns círculos noctívagos de hábitos e tendências pouco recomendáveis. A prova disso é que quando foram convidados a propôr um nome para a avenida onde está a primeira escola pública de arquitectura do país, vingou o nome de um pintor. De um pintor grande. De um pintor imenso. De um pintor que nesta faculdade formou e influenciou sucessivas gerações de arquitectos, é verdade. Mas de um pintor.

Isto não será um atestado da magnanimidade dos arquitectos, não. É tão simplesmente a má consciência a embrulhar uma dolorosa e insanável amnésia. É uma total ausência de esteios.

Teoria? que teoria? — o esteio da arquitectura não está na teoria!

Deixei atrás o convite impopular de visitar Raul Lino. Avanço agora uma aproximação mais credível entre nós: – a Robert Venturi. Ele foi, não o primeiro, mas certamente o mais bem sucedido e mediático dos pioneiros nesta matéria, já que tratou de forma desassomburada, sistemática e consistente (ainda que muito subliminarmente), a questão da “contra-teoria” (prefiro-a à “anti-teoria”). O feito notável e a suprema ironia que envolve esta figura, é que depois de clamar alto e bom som que o «rei vai nu», apressou-se ele próprio a despojar-se da farpela e correr a integrar o cortejo real. Em pelo. É que em teoria, a complexidade e a contradição na arquitectura, servem afinal para tudo.

Um outro livrinho de circulação mais modesta e, prudentemente, pouco referido aos nossos alunos é o escrito de Léon Krier, *Arquitectura – escolha ou fatalidade*, no qual o autor apela sobretudo e antes de mais, a um retorno àquilo que mais escasseia nos dias que passam – ao bom senso, e isso torna-o ininteligível.

Agora, francamente desaconselhada aos estudantes de arquitectura é a leitura de *Paradigma urbano – as cidades do novo milénio* ou de *Imposturas intelectuais*. É a subversão em estado puro.

— Venha, pois, *O olho e o espírito*.

O maior teórico/arquitecto, ou arquitecto/teórico, como se queira, do século XX, foi Le Corbusier. Nesta dupla vertente, é o Gulliver de todos os liliputianos da centúria. Haverá, porventura na sombra, outros tão grandes quanto ele, mas são manifestamente ignorados pela actual inteligência universitária — como o italo-americano Paolo Soleri, p. ex..

Para cada um dos seus projectos escreveu Le Corbusier, antes e depois, extensos manifestos quase panfletários, quando não verdadeiros manuais para a boa compreensão e uso dos seus edifícios. Foi, na era moderna, o primeiro grande caixeiro-viajante da arquitectura, na sua versão mais respeitável e erudita. Estabeleceu uma dinastia ilustre que se prolonga até aos dias de hoje, talvez com um pouco menos de brilho e de convicção, mas compensando bem essas menos-valias com as mais-valias devidas pela incorporação do factor “cartilha do mercenário” nas tabelas de honorários.

Muitos dos seus seguidores pairam hoje por feudos de *sheikes*, a inventar ilhas. A grande diversão é que o mesmo petróleo que paga agora aqueles delírios – insultuosos para nove décimos e meio da população planetária – é o mesmo que bem pode estar já a fazer subir as águas cálidas por aquelas bandas, com o sério risco de se afogarem os ilhéus mais as respectivas ilhotas, se estas não forem... flutuantes. Os génios entraram decididamente pelo insustentável descartável.

No tempo em que as coisas eram, ainda assim, um pouco mais sérias, existiu um Le Corbusier. Dele pretendo reter as suas marcas maiores, as que perdurarão indelevelmente na História da grande Arquitectura: os “*cinco princípios*” do movimento moderno e o “*modulor*”; as bases e fundamento da “teoria do modernismo”.

Teoria? mas que teoria? — Pois não se tratará apenas das bases programáticas de um sistema projectual de generalização impossível, de universalidade caduca e tecnicamente questionável. O que se pretendeu como teoria revelou-se, tão só, uma gramática e um catecismo. Eram tempos de evangelização afirmada, na defesa do novo culto monoteísta da *Ciência*, omnipresente e omnipotente.

E como apenas as ciências exactas carecem de teorias, lá tivemos nós de inventar uma para a arquitectura, enquanto ilustre representante das ciências humanas. Ensaia-se mesmo uma esquiva mas oportuna confusão entre a tratadística, a manualística, a regra, o método, a moda, a tendência e até mesmo entre as normativas e os regulamentos... e a “*teoria*”.

Mas não estaremos assim tão desacompanhados quanto isso, porque no mundo das «artes», cada uma quer ser «ciência»; que é o que monopoliza agora a totalidade dos favores da globalização. Até instituições públicas de ensino superior, promovem licenciaturas em, imagine-se,... “*Ciências da Música*” (sic). Absolutamente hilariante.

A mais etérea e subjectiva das artes. Que se pode sentir em silêncio, com os olhos e ouvidos inertes; só pela mente. Aquela que mais fácil e directamente atinge os seres humanos (mesmo os infelizes com as mais dolorosas limitações físicas e mentais),

está a ser talhada no figurino de «ciência» e assim, bem travestida, bem à moda actual é, finalmente, declarada respeitável.

Que todas as artes são servidas por ciência e tecnologia próprias e adequadas, é fora de questão. Que todas as ciências e tecnologias se desenvolvem por via de hipóteses teóricas de evolução e aprimoramento, também não sofre contestação. Mas a actual miopia e indigência cultural dos poderes tutelares que pretende, na mudança de paradigma, tornar-nos a todos cientistas, investigadores, teóricos, produtores de excelência —

[a “excelência” não designando o superior hierárquico, é vocábulo de trânsito recente]

— e por aí adiante, deixa-me um certo laivo de DDT no espírito. É que o DDT também já foi muito incensado, como se recordarão os maiores de cinquenta anos.

Bem sei que esta coisa da arquitectura tem que se lhe diga. É uma arte com componentes científicas incontornáveis, indeclináveis e cada vez mais hegemónicas, de tal maneira que o pobre arquitecto deu em aceitar com evidente satisfação e alívio, o mais recente papel de “coordenador” que lhe vão ainda concedendo, para não antecipar... tolerando. Atente-se na legislação substituta do diabolizado 73/73. Sempre a velha história do “*depois de mim virá...*”.

Não resisto a invocar também o novíssimo regulamento do “conforto térmico” para os edifícios, que obrigou à formação apressada de reforçados batalhões de peritos (sempre atentos a uma nova janela de oportunidades), que virão a tutelar mais uma área do projecto de arquitectura. Tudo à sombra da teoria das outras ciências. Pois se já temos peritos em segurança, peritos em instalações, peritos em paisagismo, peritos em estruturas, peritos em arqueologia, peritos em sociologia, peritos em geografia, peritos em economia, peritos em legislação, peritos em deontologia (esses são os técnicos das câmaras), peritos nisto, peritos naquilo, até peritos em peritos; porque não acolhermos mais estes de braços abertos?

Quando o arquitecto começa a ser ignorante da ciência que enforma a sua arte vira-se, por elementar instinto de sobrevivência e afirmação, para a elaboração de uma putativa “Teoria da Arquitectura”; sendo este um dos maiores equívocos em que se têm atolado os práticos e/ou teóricos. Mas, de que arquitectura?

Os mais esclarecidos afirmarão, agastados e sem titubear: — só existe uma Arquitectura!... Pois; esta é a flauta que nos está a levar a todos a banhos no rio.

Referimo-nos a quê, quando nos abalanchamos à designação de arquitectura? Será a religiosa? A civil? A militar? A industrial? A naval? A funerária? A dos museus de arte contemporânea? A dos pavilhões multiusos? A ocidental? A oriental? A urbana? A rural? A do privado? A do colectivo? A erudita? A popular? A perene? A efémera? A da singularidade? A da repetição? A dos ricos? A dos pobres? A das estrelas? ou a dos planetas da dita arquitectura... — De que se fala, afinal?

É que enquanto não se definir exactamente ao que se vem, fará tanto sentido insistir na “teoria da arquitectura” quanto na “teoria da engenharia”, na “teoria da medicina”, na “teoria da biologia”, na “teoria da gastronomia”, na “teoria do cinema”, na “teoria da aeronáutica”, na “teoria da astrologia”, eu sei lá. Falamos de arquitectura como se fosse para todos, em geral e em qualquer lugar, uma e a mesma coisa! Como se arquitectura fosse assim uma espécie de matriz reconhecidamente balizada, estabilizada, interiorizada e, sobretudo, unívoca.

Não se pode dizer que este equívoco *teórico* não tenha servido bem a muitos. Tem! Desde logo aos próprios arquitectos, a partir do momento em que começaram a descrever da arquitectura. Com descrever quero eu dizer, deixar de saber ou de se preocupar com o *arquitectar*. Convenhamos que a explosão de arquitectos, ocorrida nos últimos 40 anos, muito potenciou este estado de coisas.

Tem servido aos teóricos para vender os seus escritos. Tem servido aos profissionais eruditos, para justificarem as suas propostas; mas só depois delas formuladas e consubstanciadas. Tem servido a uma camada diletante para se manter à tona d'água e à *la page*. Tem servido de *área científica* nas Escolas de Arquitectura. Tem servido, sobretudo, de arma de arremesso entre os arquitectos. Serve-me até a mim, para estar agora a questioná-la!

Mais do que isso: – tem servido para justificar a existência de “doutores em Arquitectura” sem serem arquitectos. É campo capinado por todos, mas ainda não desisti de topar um dia, também, com um “doutor em Teologia” assumida e convictamente ateu.

Tenhamos presente que esses teóricos tiveram artes de inventar o “*objecto*” arquitectónico. Já não lhes servia a “*obra de arquitectura*”, uma designação plena de sentido e significado. Não, agora tudo é *objecto*, uma inacreditável e caprichosa infantilização do termo que contamina a própria arquitectura porque, como sabemos desde a infância, os *objectos* têm a escala da mão, guardam-se ou deitam-se fora; manipulam-se, trocam-se e emprestam-se. Aceitam-se ou rejeitam-se; não se impõem. Eu só conheço *objectos* de arquitectura no *Portugal dos Pequenitos*; lá para a beira da Quinta das Lágrimas. Os inventores desse tal conceito de “*objecto*”, nunca devem ter passado da fase das maquetas de estudo.

Mesmo assim, creio estar preparado para a primeira vez que fôr convidado por um amigo generoso (devidamente sugestionado pelo arquitecto), a passar um fim-de-semana no seu novíssimo “*objecto*” de praia... ou de campo, tanto faz. O termo pegou de estaca, difundido pelos fazedores de opinião — os das revistas mundanas e os da especialidade; que aliás se confundem. Talvez por algum dos tais doutores que atrás referi.

O que nos vale é que a teoria enquanto “*pranchetência*” nunca existiu na prática dos arquitectos. A comprová-lo está a obra de todos e de cada um dos grandes mestres. A comprová-lo está também a ausência de obra significativa dos grandes teóricos. — Venerado Vitruvius.

A partir do momento em que o arquitecto, ao sentir o pé em falso, deu em zurzir e desdenhar dos estilos, dos modelos, das escolas, das academias, das heranças, das raízes, dos ideais, da memória, da intuição, do perspectivar e antecipar o porvir (a ordem dos factores é aqui arbitrária), sem antes ter conhecido, compreendido e finalmente questionado com lucidez o seu “*campo*” (atenção: “*território da...*” é matéria de livro teórico), ficou no vazio preenchido pela *teoria*.

Se não formos capazes de entender que foi o simples aparecimento do betão e do tijolo industrial que aniquilou as arquitecturas tradicional e popular em Portugal (esta última já morta e enterrada, a despeito dos exercícios de revivalismo e da venda como “*nicho de mercado*”), não perceberemos nada da lógica que está agora por detrás *desta* teoria.

A presunção intelectual dos pensadores pós-renascentistas tem buscado sempre a “Teoria do Todo”, numa espécie de demanda laica em alternativa à dos da *Távola Redonda* (que se tinha finado) e que visava a “Teoria de Tudo”; afinal a incumbência última das religiões, que de forma mais ou menos agressiva pretendem o valimento (porque validação é altamente improvável) para a magnitude dos respectivos argumentos demiúrgicos.

Os arquitectos, que nunca tiveram na modéstia uma grande virtude, decidiram-se pela “Teoria do Todo” (ao menos isso) e chamaram-na a si: — é a nossa *Teoria da Arquitectura*; afinal uma coisa que ninguém sabe bem o que é, ou melhor, cada um lá saberá da sua!

Antes de vos deixar com este desabafo, acreditem que procurei descortinar qual teria sido a teoria de Fídias para o *Parténon*; qual a teoria de Sha Jahan para o *Taj Mahal*; qual a teoria de Yunglo para a *Cidade Proibida*; qual a teoria dos Templários em *Almourol* e qual foi a de Gehry em *Bilbau*. Se a teoria que presidiu à construção das *Pirâmides* nos desertos do Nilo, terá sido a mesma que ditou o levantamento das suas irmãs na América luxuriante? A teoria de Las Vegas, encaixa-se na de Machu Picchu? E a teoria que sustenta o *Coliseu de Roma*, será a mesma que Souto de Moura não ousa confessar em *Braga*? O derradeira fascínio de F. L. Wright pelo tornear da curva, será a manifestação serôdia de uma teoria tardiamente apreendida? Qual a teoria enunciada pela arquitectura desse poeta das estruturas que foi P. L. Nervi? Será que se Gaudi nos tivesse deixado a sua teoria, a *Sagrada Família* já estava concluída? E a Zaha Hadid, tem alguma teoria?

As teorias formulam-se, testam-se e demonstram-se.

Se se testam e se se confirmam os postulados teóricos, eles passam a “teoremas” (q.e.d.), reconhecíveis, indiscutíveis, universais, transmissíveis, replicáveis até à náusea.

Se não se verificam ou não se pretendem replicar, devem ser, pura e simplesmente exorcizadas.

A teoria da arquitectura não existe. A teoria é a negação da Arquitectura. Existe sim, e já é muito, uma “História” e uma “Crítica”, não da, mas de Arquitectura. Tudo o resto é equívoco, oportunismo ou intromissão de não arquitectos em áreas que não lhes competem.

— Ainda se lhe chamassem... Filosofia!

p.s. – uma alternativa possível para abordar este tema seria a de acreditar nas definições dos dicionários para “teoria”, mas desde que deram em plantar por lá o “*bué*” e outros quejandos, que se eclipsou muito do meu respeito por esses velhos parceiros.